

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Conflito Armado na Colômbia: guerrilhas, drogas e influências exteriores(1964- 2004)

Carlos Roberto Benjoi da Silva*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir quais são os fatores que ao longo de grande parte do séc. XX e início do séc. XXI colocaram o Estado colombiano em um sistema de extremada violência civil. Trabalharemos os motivos que levaram ao surgimento do movimento guerrilheiro colombiano, assim como também, seu possível envolvimento com o narcotráfico. Por fim, faremos uma análise do governo de Andrés Pastrana e seu ambicioso *Plano Colômbia*.

Palavras-chave: Colômbia - Plano Colômbia – Guerrilha.

Abstract: The present work has as objective to make and to present which the factors that during part of XX century and beginning of XXI century had put the Colombian State in a system of extreme civil violence. We will work the reasons that had led to arise the Columbian guerrilla movement, as well as also, its possible evolvment with the drug trafficking. Finally, we will make an analysis of the government of Andrés Pastrana and its ambitious *Colombia Plan*.

Keywords: Colombia - Colombia Plan – Guerrilla.

No âmbito das relações de segurança entre os países da América do Sul, a Colômbia é um país preocupante e de forte discussão. A sociedade colombiana, na maior parte do século XX, teve sua história atrelada a um caótico sistema de violência civil, onde a disputa interna pelo poder comandada pelos dois principais partidos colombianos, o Liberal (caracterizado pela separação entre o Estado e a Igreja e a descentralização do governo) e o Partido Conservador (com posição a favor da aproximação com a Igreja e uma maior centralização do poder nas mãos do governo), vitimou milhares de almas ao longo dos anos e acabou por afundar o país em uma realidade de crueldade e sangue.

Fruto de disputa entre os dois partidos, em 1948 iniciou-se o período conhecido como *La Violência*. Nesta fase da história colombiana, representantes dos dois partidos se digladiavam nas ruas colombianas, causando baixas de ambos os lados. A guerra civil somente teve seu fim quase 10 anos após seu início (1953) quando, após amplas negociações, os partidos Liberal e Conservador firmaram um acordo de governo para a Colômbia. O

* Mestrando em Historia pela Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: benjoihistoria@gmail.com

acordo que recebeu o nome de *Frente Nacional* representou tanto o fim de *La Violência* quanto a divisão de poder entre os dois partidos. Pelo acordo o Estado colombiano foi dividido entre os conservadores e liberais que se alternavam no poder. Além disso, Frente Nacional se caracterizou pela ilegalidade dos outros partidos colombianos como o Partido Comunista Colombiano (PCC) e a perseguição aos pequenos agricultores (camponeses e indígenas), que perdiam suas terras para os grandes produtores, latifundiárias que eram beneficiados e pela proteção do governo.

Surgidos como uma alternativa contra os desmandos da Frente Nacional, a partir do final da década de 1950, começaram a se formar no interior do país guerrilhas agrárias de esquerda, formadas por pequenos agricultores. O movimento guerrilheiro colombiano inicia neste período uma das características mais marcantes da Colômbia, aquela que dura até os dias de hoje: o conflito armado entre Estado e guerrilhas. Surgidos como uma alternativa revolucionária, os movimentos guerrilheiros de esquerda colocaram ainda mais calor no já quente contexto colombiano.

Em 1964, inspirado pela linha marxista-leninista soviética, surgiu no território da Marquetália as Forças Armadas Revolucionárias – Exército do Povo (FARC-EP). Em seu início as FARC-EP tiveram o apoio do Partido Comunista Colombiano (PCC) em suas incursões. Liderada ainda por um de seus fundadores, Manuel Marulanda (conhecido como *Tiro Fijo*), as FARC-EP são consideradas a maior guerrilha colombiana, com um contingente de aproximadamente quinze mil homens (COMISSÃO INTERNACIONAL, 1998:16-20).

Outra guerrilha de forte influência na Colômbia é o Exército de Libertação Nacional (ELN). Ainda na ativa, o ELN foi fundado no ano de 1965 (CHALIAND, 1977:72) por intelectuais e estudantes, também como resultado da opressão do governo colombiano e do contexto internacional da Guerra Fria. Teve suas operações concentradas no Departamento de Santan - Castanho e teve como principal foco de ação ataques às pequenas cidades e seqüestros em massa. O ELN conta com um contingente de aproximadamente cinco mil homens.

O contexto do conflito entre o governo colombiano e os movimentos guerrilheiros aqui apresentados, e outros, como o Movimento 19 de Abril (M-19) e o Exército Popular de Libertação (EPL), enfraqueceram ainda mais o já debilitado Estado colombiano. Estes fatos transformaram a Colômbia em local propício para o mercado mundial de drogas (narcotráfico), que a partir do fim dos anos de 1970 (LÓPES, 1994: 310) se fortaleceu neste país e se colocou como fonte de renda para os camponeses pobres do interior e para a guerrilha, que passou a usá-lo como principal fonte de seu financiamento revolucionário.

Neste momento surgiram naquele país os famosos Cartéis de Cali e de Medellín que, organizados como grandes empresas, passaram a exportar para todo o mundo a droga (principalmente cocaína) que produziam nas selvas colombianas.

Neste caso, o governo colombiano acusa as guerrilhas de também obterem lucro no comércio de drogas, colaborando com os plantadores de coca. Em resposta a essa acusação, as FARC- EP dizem que somente recebem uma *taxa* (imposto) dos plantadores, para que esses possam continuar a produzir nos territórios que estão sob seu domínio (COMISSÃO INTERNACIONAL, 1998: 16-20).

Nos anos 80 os ataques das guerrilhas às cidades e às fazendas tiveram seu ápice. Para combater esses ataques, foram criados na Colômbia (financiados pelo governo e por grandes fazendeiros que se recusavam a pagar as taxas impostas pelas guerrilhas), alguns grupos paramilitares. Os objetivos destes grupos eram o de perseguir os grupos guerrilheiros e seus simpatizantes, assim como proteger os grandes produtores de coca contra possíveis ataques guerrilheiros. Nos anos 1980, esses grupos eram muitos, mas em 1997, foram unidos em um único grande grupo por Carlos Castano, formando-se assim as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC)¹. Com um contingente de aproximadamente 13 mil combatentes, a AUC é acusada de cometer sérios crimes contra a vida e direitos humanos. Na busca por seus inimigos guerrilheiros, estes grupos armados assassinaram centenas de civis/camponeses pobres que não estavam diretamente ligados no conflito. Segundo vários autores a AUC está longe de ser um grupo anti-guerrilha, não tem mais o apoio do governo, nem dos fazendeiros e também sobrevive de taxas cobradas à força dos plantadores de coca.

Ao longo da década de 80 ocorreram várias tentativas para por um fim no conflito colombiano. Durante a década de 1990, contudo, essas iniciativas estavam quase estagnadas. Mas foi à promessa de diálogos com a guerrilha e a promoção da paz na Colômbia, que elegeu nas eleições de 1998 o candidato Andrés Pastrana. Com um programa de governo que tinha como carro-chefe o fim do conflito e outras diversas ações sociais, como a substituição das culturas de coca por outras lícitas, o governo de Pastrana foi visto por muitos colombianos como um importante passo para o fim dos males colombianos.

Assim que assumiu o poder, Pastrana abriu uma mesa de diálogos com a guerrilha e lançou o *Plano Colômbia*. Este plano consistia em uma série de ações e metas para as negociações, teve em sua elaboração um grande auxílio do governo dos Estados Unidos² que

¹ A questão dos crimes cometidos pelos paramilitares é bem discutida em: *Paramilitares*. Disponível em: <http://dossiers.publico.pt>. Acesso em: 05/08/2006.

² Para ver com mais detalhes todas as influências e preocupações dos EUA acerca da Colômbia ver: BONFIN, Luiz Otávio Sales. *A Política Externa dos EUA e o Combate ao Narcotráfico na Colômbia (1997 – 2002)*.

via com preocupação o conflito armado colombiano. Além da luta armada, outra preocupação norte-americana era o tráfico, pois a Colômbia era o maior fornecedor da cocaína para os Estados Unidos.

No que se refere à guerrilha, o *Plano Colômbia* propõe uma volta às tentativas de paz há muito tempo estagnadas e passa novamente a negociar com a guerrilha. Como forma de se mostrar interessado em negociar, o presidente Andrés Pastrana chegou até a ceder autonomia sobre uma parte do território colombiano (do tamanho da Suíça) para as FARC (COMISSÃO INTERNACIONAL, 1998: 91-92). Retirando deste território todo contingente militar oficial, o Presidente Andrés Pastrana faz desta área, uma zona desmilitarizada e a transforma em um território neutro apto para as negociações.

No caso das plantações de coca e sua transformação em cocaína, o *Plano Colômbia* propõe uma troca destas plantações ilícitas por culturas agrárias legais. De acordo com o plano, seria oferecido aos camponeses plantadores de coca, alternativas e financiamentos que os levassem a substituir suas culturas, acabando ou pelo menos diminuindo o tráfico de drogas no país.

Apresentado principalmente como uma alternativa de paz com a guerrilha e como alternativa de substituição das plantações ilegais, o *Plano Colômbia*, idealizado por Andrés Pastrana e seus ministros, além de ambicioso é de alto custo. Todos os processos foram avaliados em 7,5 bilhões de dólares. Este montante, segundo o governo de Andrés Pastrana, seria conseguido de duas formas principais:

1. 4 bilhões – seriam conseguidos pelo próprio governo colombiano através de financiamentos e empréstimos de bancos privados e privatizações de empresas estatais.
2. 3,5 bilhões – conseguidos com a ajuda de países que se interessassem em doar recursos para com o Plano Colômbia, ajudando a eliminar males comuns a todos (INSTITUTO DE ESTUDO SÓCIO ECONÔMICO, 2002: 13-15).

Desde que lançou o Plano Colômbia o presidente Andrés Pastrana buscou de todas as formas conseguir apoio internacional para o plano. Esse apoio foi buscado em sua maior parte com países como Estados Unidos da América, da União Européia, Japão e Canadá, que, segundo o governo colombiano, são os maiores consumidores de drogas produzidas no país. Desses países citados acima, apenas Espanha com 100 milhões, Noruega com 20 milhões (ambos da União Européia) e Estados Unidos com 1,32 bilhão ajudaram o governo

colombiano financeiramente (INSTITUTO DE ESTUDO SÓCIO ECONÔMICO, 2002: 13-15). Destes, foi a ajuda norte americana a que causou maior discussão.

Em 2000, o Congresso norte-americano aprovou e o então presidente, Bill Clinton, sancionou uma ajuda de custo inicial de 1,3 bilhões de dólares para o Plano Colômbia (INSTITUTO DE ESTUDO SÓCIO ECONÔMICO, 2002: 13-15). Desta primeira ajuda, cerca de 80% foram destinados ao aumento do contingente militar colombiano, principalmente no que diz respeito ao combate diretamente às guerrilhas e, indiretamente, aos narcotraficantes. Sobre a entrada dos Estados Unidos no contexto do *Plano Colômbia*, muito se tem discutido sobre quais motivos levaram os Estados Unidos a interferir no Plano. O que se tem concluído destas discussões é que a produção de coca na Colômbia interfere na sociedade americana. Do total de cocaína consumida anualmente nos Estados Unidos, 90% são provenientes da Colômbia, e mais, a cada ano aumenta sua venda de heroína para os Estados Unidos, já sendo um importante fornecedor. Além disso, os produtos químicos fornecidos aos traficantes colombianos são em sua maioria conseguidos ilegalmente nos Estados Unidos.

A partir dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, outro leque nos interesses americanos sobre a Colômbia se abriu. Em sua caminhada contra o terror, o já presidente George W. Bush passou a reconhecer as guerrilhas colombianas, assim como também os grupos paramilitares, como grupos terroristas (CHOMSKY, 2002:144-145), aumentando ainda mais a militarização do Plano Colômbia, incentivando assim um maior ataque contra as guerrilhas.

Um fato a se comentar acerca da influência norte-americana na Colômbia, diz respeito aos países que fazem fronteira com aquele país. A Colômbia divide seus limites com Brasil, Venezuela, Peru, Equador e Panamá, e estes países olham com receio tudo o que esta acontecendo do lado vizinho, principalmente por dois fatores a citar:

1. A partir do momento do ingresso dos Estados Unidos no Plano Colômbia (e principalmente após o 11 de setembro), passa a ser usado um forte herbicida chamado glifosato no extermínio das plantações de coca. Este herbicida com alto poder de ação é aplicado com o uso de pequenos aviões que espalham o produto pelas plantações, acabando com elas com uma surpreendente velocidade. Entretanto, juntamente com as plantações de coca, outras culturas agrícolas também são extintas, muitas delas produtoras de alimentos para a subsistência dos camponeses pobres plantadores de coca. Esse é um fator preocupante, pois com a extinção das culturas legais e ilegais de suas terras, esses pequenos produtores,

assim como os grandes fazendeiros de coca, se vêem obrigados a migrar para outras regiões, abrindo novas frentes produtoras (RIPPEL, 2006: 92-95). Ao migrar cada vez mais para o interior do país, o camponês colombiano pode atravessar voluntária ou involuntariamente a fronteira colombiana, adentrando em território estrangeiro. Essa hipótese vem causando grande preocupação nos países vizinhos à Colômbia, pois estes alegam não ter condições de receber os chamados “refugiados de coca” e que além disso esses refugiados quando migram, acabam por derrubar áreas de preservação da floresta amazônica. Quanto a questão do glifosato, um outro ponto é de relevante importância, principalmente ao Brasil. A aplicação ilimitada de veneno nas plantações de coca podem ter várias consequências ao futuro do frágil ecossistema amazônico. A Colômbia e o Brasil se limitam especificamente na chamada “Amazônia Legal”, e a aplicação do glifosato pode acabar por poluir as nascentes de importantes rios amazônicos que nascem na Colômbia, como os Rios Japurá, Iça e Solimões por exemplo. Além do mais, a área de fronteira entre o Brasil e a Colômbia é pouco vigiada (na verdade de difícil vigilância), o que facilita a entrada de refugiados para o território brasileiro afetando a soberania do Brasil.

2. O segundo fato relevante à influência americana vem da militarização do Plano Colômbia. A partir da entrada dos Estados Unidos, a violência civil na Colômbia se agravou. Com o aumento dos ataques militares contra a guerrilha, o número de mortos diários resultados do conflito chega a aproximadamente 14 (MENDONÇA, 2006: s/p), o que fere todos os protocolos de direitos humanos.

Tudo isso, ainda contando com o fato de que, ao se sentir acuada pelas forças militares, a guerrilha (assim como fazem os camponeses), migram para outras partes do país, inclusive atravessando fronteiras colombianas, adentrando o território vizinho. Por exemplo, foram descobertos acampamentos das FARC-EP no Equador, assim como alguns contingentes guerrilheiros no Brasil e na Venezuela.

Como vimos, o conflito armado na Colômbia já se arrasta por vários anos e, ao que parece, está longe de acabar.

Quanto ao posicionamento do Brasil frente ao conflito colombiano, o governo brasileiro desde início do Plano Colômbia não se mostrou favorável a uma solução militar para o conflito. Ao contrário, o Brasil se apresentou favorável a uma solução pacífica e se colocou como um possível intermediário da proposta de paz. Quanto à fronteira Brasil-

Colômbia, coube ao governo brasileiro aumentar a vigilância na área de fronteira, fazendo com que assim o país não se tornasse foco de possíveis incursões guerrilheiras.

Nesse sentido, a Colômbia, por suas características relacionadas ao narcotráfico e à existência de grupos guerrilheiros em atividade é um problema para a América do Sul como um todo e para o Brasil, principalmente para a região amazônica. Em particular, refugiados, relações entre guerrilha (no caso as FARC), narcotráfico e o crime organizado no Brasil, transformam as relações entre os dois países em cruciais para o encaminhamento de questões delicadas e que estão diretamente relacionadas à segurança brasileira, tanto na área de fronteira como nos principais centros urbanos do país. De acordo com a Superintendência da Polícia Federal, por exemplo, o comércio pelo Rio Negro é vital para a guerrilha, pois é a principal rota de entrada de produtos considerados indispensáveis para a sobrevivência das Farc, como armas, munição, alimentos e remédios.

Referências bibliográficas:

- BONFIN, Luiz Otávio Sales. *A Política Externa dos EUA e o Combate ao Narcotráfico na Colômbia (1997 – 2002)*. Brasília, Universidade de Brasília, 2002. Dissertação de Mestrado.
- BORGES, Fábio. *Geopolítica, Plano Colômbia e perspectivas brasileiras de inserção internacional*. Disponível em: www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/borges.pdf acesso em: 16 08 06.
- CHALIAND, Gerard. *Mitos Revolucionários do Território Mundo*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- CHOMSKY, Noam. *11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 144 a 145.
- COMISSÃO INTERNACIONAL. *FARC-EP: Esboço Histórico*. Colômbia. S. ED. 1998.
- DUNHAM, André Maciel Siaines de Castro. *A crise na Colômbia: impactos para o Brasil*. Dissertação de mestrado – Programa de Formação e Aperfeiçoamento de Diplomatas (PROFA – 1) do Instituto Rio Branco. Brasília, 2002.
- INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. *Plano Colômbia: perspectivas do Parlamento Brasileiro*. Brasília, 2002.
- LÓPEZ, Javier Ocampo. *História Básica de Colômbia*. Bogotá: Ed. Placa e Janes, 1994. p. 310.
- MENDONÇA, Maria Luisa e CAVALLARO, James. *Perigos do Plano Colômbia*. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/militantes/cavallaro/planoscolombia.html. Acesso em: 21/10/2006.
- RANGEL, Alfredo. *Guerra insurgente*. Bogotá: ED Intermédio, 2001.
- RIPPEL, CF Márcio Pereira. *O Plano Colômbia como instrumento da Política norte-americana para a América Latina e suas conseqüências*. Disponível em: www.mar.mil.br/egn/revistaegn/junho2006/planocolombia.pd/ acesso em: 04/09/06.
- SCHWINGEL, S. *O Plano Colômbia: Reflexos para o Brasil*. Rio de Janeiro, Escola de Comando e Estado Maior do Exército, 2004. Dissertação de Mestrado.

VAZ, Alcides Costa. *O Conflito Colombiano: Uma Perspectiva Global*. Disponível em: www.unb.br/irel/ibsa/documentos.htm. Acesso em 20 de Set. de 2006.